2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 18. QUINTA FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

UMA FABRICA POR ASSOCIAÇÃO.

221 Fomos honrados com uma attenciosa carta de 2 do corrente, que nos dirigiram os proprietarios e directores da fabrica de fundição da Bicalho, remettendo-nos o projecto dos Estatutos da Associação, em que tentam converter o seu estabelecimento.

Fieis á causa da verdadeira prosperidade publica — que julgamos estudar desde que escrevemos na REVISTA — tem sido sempre para nós como um dever, o saudar a applicação dos grandes principios, que são incontestaveis para todos os partidos, e incontestados por todas as opiniões.

A Associação é como a religião da humanidade — os povos rudes creem nella por instincto, os civilisados por convicção.

Quando um principio social é humanitario, quando sahe do consenso unanime de todas as faculdades instinctivas para o amphitheatro da sciencia — podeis applicar-lhe a mais perspicaz observação, e a mais escrupulosa analyse, que o achareis verdadeiro, util e eterno.

Devemos neste ponto deixar consignada com franqueza a nossa opinião. O apostolado da associação é um apostolado santo e respeitavel, mas não póde caminhar senão pela ordem, não póde triumphar senão pela rasão, não póde destruir para edificar, porque é um principio creador e conservador. — No sangue das vestes, no arrogante do gesto, e no odio que transluzir nas phrases, conhecereis os falsos prophetas — que são como a sombra de Judas evocada pelas eras modernas, para assistir ao inteiro cumprimento do Testamento que legou ao mundo a sua regeneração.

Poderão parecer fóra de proposito estas considerações, a quem não tenha seguido o modo como nos temos dirigido por entre as paixões, que se apoderam da discussão de todos os principios; mas para os que sabem comprehender a conveniencia de appresentar um principio util, pelo aspecto que se julga natural, o que fica escripto será a franca exposição da nossa crença absoluta no principio, com direito salvo para não acceitarmos as consequencias, que nascem da ambição ou loucura dos homens, e não da origem pura desse principio.

Em um paiz pequeno como Portugal, a Associação é um elemento de governo, e de vida nacional. Sem este principio as nações, que não são de primeira ordem, se converteriam em provincias das grandes potencias, não pela força das armas, mas pela força do desalento, da miseria, e da geral dissolução. Persuadidos desta verdade, louvamos, como devemos, a tentativa de estabelecer, no Porto, uma grande fabrica de fundição por meio do principio da Associação. Este projecto não era um impossivel, e tem em seu favor um facto importante na historia moderna da nossa industria fabril, porque a maior fabrica do reino é a de Fiação e Tecidos Lisbonense, pertencente a uma Associação. Conhecem os que mui grandes erros se tem commettido em Portugal, por este systema; nós tambem conhecemos que é por este meio que a Belgica por exemplo, se constituiu em nação fabril de primeira ordem.

O Porto por tantos titulos respeitavel, mas, quanto a nós, mais ennobrecido pelo incançavel trabalho de seus dignos habitantes, deve com-

prehender a vantagem immensa, que lhe póde resultar de fazer circular productivamente, por meio da associação, muitos dos avultados capitaes que jazem quasi improductivos ao norte do reino. Desejamos que, não só pelo salario, o paiz se identifique com a industria fabril — queremos que tambem a *posse* — esse condão que liga o proprietario á terra, identifique os povos com a industria fabril, a qual, fazendo florescer a cultura, nos está abrindo uma nova era, em a nossa historia economica.

Para se conhecer o projecto a que nos referimos, publicamos, em seguida, o periodo de uma carta, em que os proprietarios da fabrica do Bicalho, expoem lealmente e com franquesa os motivos, que os levaram a confecionar os estatutos que tambem em seguida publicamos. Entendemos que estes cavalheiros são dignos de todo o louvor, e com egual franqueza á sua, não occultaremos o que no contracto que offerecem ao publico, nos parece susceptivel de aperfeiçoamento, e conforme com as suas intenções de offerecer a maior somma de garantias, que possam exigir-se na circumstancia proposta.

Parece-nos que a reeleição permittida pelo artigo 18.º para os directores primitivos não os deve abranger todos; e que o conselho de fiscalisação composto de dois membros, não corresponde ao que desta garantia se espera: tambem nos parece que para a designação das pessoas, que primeiro desempenhem este cargo, se não devia admittir o meio de antecipadamente as nomear no pacto social, por quanto para esta designação não existem as mesmas rasões de maxima conveniencia, que nós reconhecemos na designação dos directores.

Fazendo inteira justiça ao caracter dos proprietarios da fabrica, e tributando o maior respeito á puresa das suas intenções e ao pensamento civilisador que os domina, estamos persuadidos de que acreditarão que o desejo de vèr realisar e prosperar esse pensamento, é que nos leva a expormos estas duvidas, para que nenhum obstaculo se opponha á applicação de um grande principio.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

—

Extracto da carta.

Nós estamos tão intimamente convencidos das vantagens geraes do systema de associação, que pondo de parte nosso interesse pessoal, temos resolvido constituir o nosso estabelecimento de fundição do Bicalho em uma companhia por — acções; e eis em poucas palavras as principaes razões que nos decidiram a tomar esta resolução: razões que julgamos dever fazer conhecer para evitar interpretações mal fundadas, e as quaes exporemos com a maior franqueza, podendo em qualquer occasião provar o que nós avançamos.

A fundição do Bicalho existia havia mais de 4 annos de uma maneira problematica, e inteiramente parada no seu progresso, em consequencia de questões entre varios interesses, que invejosos da sua existencia, a desejavam vêr destruida, para verem alimentar, pela sua destruição, um commercio de importação da maior parte dos objectos que ella fabricava: conhecendo a sua posição, conseguimos aplanar todas as difficuldades, e no 1.º de Janeiro de 1850 tomámos conta della em consequencia de uma transacção de compra, que tinhamos effectuado, e depois desta épocha temos-lhe feito melhoramentos taes que a pozemos em estado de corresponder a quasi todas as precisões do paiz: e não obstante termos feito muito, ainda alguma coisa nos resta a fazer.

Nós reconhecemos, e francamente dizemos, que os nossos capitaes pessoaes não são sufficientes para dar a este estabelecimento toda a importancia que elle merece, e que o paiz reclama, e preferimos vêr os nossos lucros pessoaes diminuir, dividindo-os, e ter a honra de dirigir um estabelecimento completo, do qual temos a certeza de tirar grandes resultados para todos os interessados.

Querem uma prova palpavel do nosso desinteresse? — nós a damos em duas palavras sem temer contradicção alguma. Não obstante podermos guardar a nossa fabrica tal qual ella está, e tirar della lucros sufficientes, e não ter de dar contas a pessoa alguma, antes preferimos pôr-nos á disposição do publico e dos accionistas, a quem temos de dar a nossa propriedade, e ser seus agentes responsaveis. E tudo isso só com a esperança e o fim de dar a Portugal um estabelecimento nacional de uma subida importancia.

A nossa fabrica constituida em companhia por acções, appresenta vantagens incontestaveis: eis aqui entre outros um dos pontos do successo que appresentam as companhias compostas de varios interessados.

O accionista é naturalmente interessado a receber o mais possivel de lucro sobre suas acções, elle terá por conseguinte o maior interesse de por sua via trazer as encommendas que podér para a sna fabrica, rogando tambem a seus amigos de se dirigirem a ella, o que fará com que o estabelecimento obtenha todas as sympathias, e produza grandes resultados.

Os donos de navios, proprietarios de casas, donos de fabricas, negociantes, capitalistas, constructores e toda a industria em geral teem interesse a unir-se a nós, e a dar-nos suas obras nos lucros das quaes elles virão partilhar cada anno.

Estas considerações nos parecem tão axiomaticas que não nos demoramos mais tempo expondo as vantagens que apresenta — o constituir o nosso estabelecimento em companhia.

Nós sómente desejamos que se por acaso alguem duvidar do que avançamos, se dirija a nós, que estamos promptos a responder a todas as suas observações.

Temos submettido á approvação do governo os esta-

tutos para a companhia que pertendemos formar, entretanto publicaremos breve os ditos estatutos dos quaes remetteremos a V. um exemplar.

Somos com consideração —

seus attentos veneradores e criados,

Hargreaves, Kopke & C.ª

P. S. Entre os melhoramentos que temos feito á fabrica que offerecemos ao publico, devem-se notar os engenhos fabricados por nós, que habilitam o estabelecimento a construir todas as machinas a vapôr para fabricas, assim como para a marinha.

Entregamos á critica de toda e qualquer pessoa entendida na arte, a machina que acabámos de construir para o barco da companhia *Duriense*.

—

Estatutos da Companhia denominada Fundição do Bicalho.

Da Companhia, de seus objectos, duração e capital.

1.º Os actuaes proprietarios da Fabrica de fundição do Bicalho na cidade do Porto, David Hargreaves, Eduardo Augusto Kopke, Jacques Robert Mesnier, passam este seu estabelecimento para uma companhia anonyma, que se denominará — *Companhia de Fundição do Bicalho*.

2.º O escriptorio da companhia é estabelecido no edificio da fundição no Bicalho.

3.º Os fins da Companhia são:

A fundição de todos os metaes e mineraes.

A manufactura de todas as obras de ferro fundido e forjado, de cobre, de latão, de zinco e de outros quaesquer metaes.

A manufactura de machinas e engenhos para a industria em geral

A manufactura de machinas a vapôr para qualquer serviço, incluindo as machinas a vapôr para embarcações por sua conta ou por encommendas; e a sua venda dentro e fóra do reino de Portugal.

Tambem poderá levantar engenhos e machinas de serrar madeiras, e serrar estas madeiras por sua conta ou por conta d'outros.

4.º A Companhia poderá comprar, tomar de afforamento ou de emprasamento os terrenos ou edificios necessarios para os fins della, e bem assim fazer a acquisição de minas de metaes ou qualquer outro mineral com tanto que assim seja resolvido em assembléa geral por tantos votos que pelo menos representem a metade do fundo social.

5.º A duração da Companhia será até 31 de dezembro de 1870.

6.º A Companhia usará d'um sello com o emblema da industria fabril e com a legenda *Companhia de Fundição do Bicalho*.

7.º O capital da Companhia é de 75:000$000 de réis dividido em 750 acções de 100$000 cada uma; e os accionistas são obrigados a entrar logo no cofre da companhia com a quantia de 40$000, e as outras entradas serão feitas por quotas partes de que cada uma não excederá 20$000 réis, pedida pela direcção com antecipação de 30 dias pelo menos, por annuncios nos periodicos do Porto.

§ 1.º O accionista que não pagar as quotas exigidas pela direcção da Companhia no prazo marcado deixará de ser accionista e não poderá reclamar as quotas com que tiver entrado, as quaes juntamente com a acção ficam pertencendo á Companhia.

§ 2.º O capital da Companhia poderá ser elevado até 120:000$000 de réis sendo resolvido pela assembléa geral.

8.º Os accionistas depois de terem entrado no cofre da Companhia com a importancia de suas acções não respondem por mais nada.

9.º As acções da Companhia pódem ser vendidas, doadas, cedidas ou hypothecadas, pondo-se para esse effeito as respectivas verbas nos livros da Companhia; mas não pódem ser retiradas antes de finalisar a sua duração.

10.º As acções serão assignadas por dois directores ao menos, e serão selladas com o sello da Companhia.

11.º Os actuaes proprietarios da Fundição do Bicalho entregam e traspassam para a nova Companhia:

1.º Todas as machinas, engenhos, utensilios, e ferramentas.

2.º Os edificios, casas, officinas, construcções e terrenos da sua laboração.

3.º A freguezia e reputação que teem adquirido, pela quantia e valor de não menos de 30 contos e não maior de 35 contos de réis, segundo a avaliação que será feita por dois arbitros, sendo um nomeado pelo conselho de Fiscalisação e outro pelos proprietarios da Fundição do Bicalho, quando a Companhia tomar posse.

12.º Os actuaes proprietarios da Fundição do Bicalho tomarão acções da nova Companhia em pagamento de todo o balanço activo que resultar do inventario dos objectos, passados para a mesma Companhia, em conta de liquidação da sua firma.

13.º No dia 31 de Dezembro de cada anno os directores formarão um inventario geral e balanço da Companhia, que será examinado pelo conselho de fiscalisação que sobre elles dará o seu parecer.

14.º O parecer do conselho de fiscalisação será apresentado na assembléa geral do mez de Janeiro seguinte; e sendo approvado, os Directores farão o rateio dos lucros desse anno em conformidade com o mesmo balanço e parecer do conselho de fiscalisação como fôr approvado.

Da dissolução da Companhia.

15.º A Companhia poderá ser dissolvida por decisão da assembléa geral.

1.º Quando fôr pedida por tantos accionistas quantos representem pelo menos duas terças partes do capital da Companhia.

2.º Quando os prejuisos soffridos pela Companhia tenham absorvido a quarta parte do seu capital.

3.º Se durante os primeiros cinco annos os lucros não tiverem sido sufficientes para pagar annualmente aos accionistas *quatro* por cento.

Da Direcção.

16.º A Direcção será composta de tres accionistas

que o forem por 30 acções, pelo menos, cada um.

17.° A primeira Direcção será confiada aos accionistas D. Hargreaves, E. A. Kopke, e J. R. Mesnier; a qual durará por cinco annos, porque é necessario muita ordem e constancia para dirigir e pôr em andamento regular os trabalhos desta Empresa.

18.° Passados os 5 annos mencionados no artigo antecedente, as Direcções seguintes serão eleitas de tres em tres annos pela assembléa geral, e poderão ser reeleitos os tres directores em exercicio, e forçosamente será reeleito um.

19.° Os tres Directores serão responsaveis solidariamente pelo cumprimento do seu mandato, e pela guarda dos objectos e fundos da Companhia.

20.° Os Directores e os membros do Conselho de fiscalisação serão eleitos em assembléa geral, um a um, por votação em escrutinio secreto, exigindo para o eleito a pluralidade absoluta de votos dos accionistas presentes; e se se não obtiver a maioria absoluta do primeiro escrutinio se procederá a segundo entre os dois mais votados, e no caso de empate ficará eleito o mais velho em edade.

24.° No caso de morte ou falta absoluta de algum destes directores, será convocada uma assembléa geral para o fim de o substituir.

22.° O Director assim eleito durará até á eleição geral triennal dos Directores.

23.° Os caixeiros serão da escolha dos Directores; seu numero e os seus ordenados serão resolvidos pela Direcção e Conselho de Fiscalisação.

24.° A Direcção comprará a dinheiro de contado todos os generos ou artigos necessarios, e não poderá comprometter a Companhia por acceites de lettras, livranças ou quaesquer obrigações a praso maior de trinta dias, sem approvação do Conselho de Fiscalisação.

Distribuição dos Lucros.

25.° Os Lucros annuaes não poderão ser divididos sem que primeiro se pague aos accionistas 5 por cento do capital com que tiverem entrado.

§ *unico.* Depois de feito este pagamento, o lucro liquido que restar será metade entregue á Direcção pelo seu trabalho de administração, e a outra metade será rateada pelos accionistas: ou se lhe dará a applicação que a assembléa geral resolver.

Do Conselho de Fiscalisação.

26.° O Conselho de Fiscalisação é composto de dois accionistas de cinco acções pelo menos cada um, e serão eleitos em assembléa geral pelo tempo de um anno. As suas funcções são gratuitas e honorificas.

§ *unico.* São nomeados membros do Conselho de Fiscalisação pelo primeiro anno os accionistas Bernardo José Machado—e Gaspar da Cunha Lima.

27.° Compete ao Conselho de Fiscalisação, fiscalisar o andamento da Companhia e sua direcção em todas as suas operações, e tomar conhecimento, quando lhe convier, dos seus actos, examinando os livros da escripturação e verificando as contas.

28.° Todas as resoluções do Conselho de fiscalisação, bem como as da direcção serão lançadas em um livro de actas; e o membro tanto da Direcção como do Conselho de fiscalisação que fôr vencido na votação, poderá declarar o seu voto na respectiva acta se a sim o exigir.

29.° No caso de morte, ausencia indefinida ou escusa de qualquer dos membros do Conselho de Fiscalisação, será convocada assembléa geral para eleger quem o deve substituir.

Das Assembléas.

30.° Todos os annos no mez de Janeiro haverá uma assembléa geral dos accionistas para receberem o parecer do Conselho de Fiscalisação e discutir e resolver o que exigirem os interesses e prosperidade da Companhia.

31.° É membro da assembléa geral qualquer accionista que o fôr por uma ou mais acções: mas cada accionista terá um voto sómente, qualquer que seja o numero das suas acções; é necessario que esteja presente para votar, não o podendo fazer por procuração.

32.° Nesta assembléa geral os Directores apresentarão as suas contas e um relatorio do estado e situação da Companhia, as operações feitas, as obras pendentes, e as encommendas ainda não principiadas.

33.° Além desta assembléa geral ordinaria haverá assembléa geral extraordinaria

1.° quando fôr pedida por vinte accionistas

2.° quando fôr pedida pela Direcção ou pelo Conselho de fiscalisação.

34.° As resoluções da assembléa geral formam-se pela maioria absoluta dos votos dos accionistas presentes.

35.° A assembléa geral terá um Presidente, um vice-Presidente, e dois Secretarios eleitos por escrutinio secreto na fórma do artigo 20.

36.° Os Directores e os membros do conselho de fiscalisação formarão a Mesa das eleições.

Conclusão.

37.° Nada poderá ser alterado nestes estatutos sem approvação de tantos accionistas quantos representem duas terças partes do capital da Companhia; e a alteração não terá effeito sem que seja approvada pelo Governo.

38.° Depois de approvados pelo Governo estes estatutos, os Directores e os membros do Conselho de Fiscalisação formarão um regulamento economico para a boa administração da Companhia.

As pessoas que quizerem ser assignantes de acções podem-se dirigir aos Ill.mos Srs.

Antonio José Cabral, protector
Antonio José de Castro Silva Junior, protector
Bernardo José Machado, protector e membro do Conselho de fiscalisação
Joaquim Ferreira Coelho, protector
José Antonio da Silva, protector
Gaspar da Cunha Lima, protector e membro do Conselho de fiscalisação
Manuel Pinheiro Alves, protector.

Assim como ao Escriptorio do Estabelecimento no Bicalho.

Em Lisboa no deposito da fabrica, rua da Prata n.° 235
Figueira, Ill.mos Srs. *Pestana & Silva*
Vianna, Ill.mo Sr. *José Caetano da Silva*
Onde lhes serão entregues exemplares dos Estatutos.

DO PRODUCTO BRUTO E DO PRODUCTO LIQUIDO DOS CEREAES EM PORTUGAL.

.....

222 Esta epigraphe significa bons desejos e mais nada. O conhecimento do producto bruto, do producto liquido, e do capital que está empregado na cultura dos cereaes em Portugal, sería um dos assumptos mais importantes que eu teria tratado em Estatistica, se eu me achasse habilitado para isso, mas sem nenhuns dados nacionaes, nem aonde os vá buscar, tudo quanto eu aqui vou dizer, por mais que eu faça, para esclarecer os supranominados quesitos da minha epigraphe, não póde passar de conjecturas de um valor duvidoso, por não dizer infimo. Da mesma fórma serão ainda egualmente arriscadas quaesquer supposições sobre a área do terreno de que cada individuo portuguez precisa para se alimentar, e tambem o é as rendas, ou o aluguer total que se paga da terra em Portugal.

A cultura ingleza não nos póde servir para nada na elucidação desta materia. A riqueza ingleza é outra que não é a nossa. E assim o é a sua sciencia. A agricultura em Inglaterra, é hoje uma fabrica, ou procura sêl-o, não é uma adivinhação, como acontece entre nós. O clima inglez, além das mais razões que separam a agricultura ingleza da portugueza, tambem não tem analogia com o nosso. Se nós não podemos pois estabelecer nenhuma comparação com a Inglaterra, muito menos a podemos estabelecer com a America ingleza. Alli a lavoira não consiste em mais nada se não em ír fazendo colheitas, em quanto o primeiro terreno, onde a colonia migratoria poisou, está pingue, e depois ír passando adiante a novas selvas, que egualmente se achem virgens, e que não necessitem, nem de trabalhos grandes, nem de estrumes, nem de preparos, para dar abundantes seáras. É desta fórma, que os americanos vão atravessando o seu continente, desde o Atlantico até o Pacifico. Os lavradores que alli não seguem esta emigração e que persistem sobre as terras velhas, acham-se tão individados, como os da Europa. Não é na America, como nos valles do Sena, ou do Rhodano, onde 60 gerações tem cultivado, afio, cereaes.

Eliminadas desta discussão, a Inglaterra, e a Federação Americana, era-me muito facil indicar diversos parallelos entre a agricultura franceza e a portugueza, assim eu conhecesse os termos estatisticos desta, como posso conhecer os da nação franceza, pelos muitos escriptos, que muitos de seus auctores tem publicado sobre tão interessante materia. Na falta de noções algumas entre nós, sobre tão vital assumpto, noções que eu suspeito faltam theorica e praticamente a todos em Portugal, eu vou, auxiliando-me de alguns dados francezes, fazer apenas algumas considerações sobre a repartição da producção dos cereaes na nossa nação.

Para estas considerações escolherei de preferencia os esclarecimentos que offerece uma obra franceza, que é tanto archeologica, como é economica, e que vem a ser, a obra de Dureau de la Malle, que escreveu sobre a agricultura dos romanos, com a qual estou que ainda se parece muito a nossa.

A *confraria romana*, na qual este auctor é um dos distinctos ornamentos, tem feito muitas operações ao crystalino opaco desses tumidos aduladores das instituições da antiguidade, os quaes invocando nomes, que são passados em tradição, cuidam enchendo-nos os ouvidos de palavras harmoniosas de som, que removem a sua e a nossa ignorancia, sobre o merito intrinseco de muitas das coisas, no Estado da Roma antiga, tanto como republica, como depois quando passou a imperio.

Tem dito os panigyristas de quem me arrisco a accusar as generalidades vagas e de convenção, generalidades repetidas até á saciedade sobre as grandezas de Roma, que não havia, por exemplo, agricultura como a romana, e nessa supersticiosa crença, a tem recommendado á imitação dos modernos. Mais bem averiguada, porém actualmente a sua verdadeira condição, por via dos variados estudos, que sobre ellas se tem feito, e pela recopilação de textos, e pela confrontação dos usos antigos com os modernos, veio a achar-se emfim, que ella não era senão o que deveria ser: accommodada aos conhecimentos subsistentes no seu tempo, isto é, mediocre. Não podia deixar de ser assim: ¿pois como era possivel o contrario disto, e que ella fosse esses prodigios que alguns dos nossos declamadores modernos empoladamente nos encarecem, se ella nem instrumentos agrarios tinha? As suas foices eram feitas de uma liga de estranho e cobre amarello, não eram feitas de ferro, ou antes de aço. A arte de ferrar os animaes tambem não era então conhecida, e só se começou esta pratica no seculo V da era de Christo N. S. As estradas era outra falta não menos sensivel que os romanos padeciam, porque elles conduziam os generos ás costas de animaes, assim como em Portugal.

Poderão talvez querer impugnar esta minha ultima asserção, á da falta de estradas, porque a sua suprema bondade em Roma é um mais dos soberbos ginetes que tem sido corrido até á inanição pelos pertendidos enthusiastas das coisas da antiguidade. Se a sorte me tiver destinado algum rencontro neste ponto eu não me hei-de deter a mostrar a exactidão do que avanço sobre a imperfectibilidade, e mesmo a escacez das vias de communicação na antiguidade; só direi que não é de leve que me aventuro a exprimir-me com a claresa com que me ennuncio, não duvidando insistir para sua maior corroboração, em que os factos são taes a pronunciarem-se por mim nesta minha asserção, e com tal positividade, que elles não consentem contra ella a minima controversia.

Além das desvantagens que deixo indicadas, e que perseguiam a agricultura dos romanos, tinha ella mais ainda contra si o preço exhorbitante dos animaes, o que obstava absolutamente ao seu uso na recovagem, e sem esta não se podendo effectuar a conveniente extracção dos generos, elles haviam de ficar empatados, e

por tanto deviam fazer gemer com o seu peso por falta de venda os lavradores em Roma, tanto ou mais, do que as mesmas circumstancias, por vezes, fazem gemer aos nossos de Portugal.

Eu não quero exagerar a depressão da agricultura em Roma, porque o meu fim não é senão attingir a verdade. Mas quando eu fosse menos exacto nas minhas excepções contra ella, como se hade defender a sua prosperidade á vista da forçada importação que se fazia de um terço dos cereaes que eram precisos na cidade Eterna, pena de seus habitantes perecerem de fome?

Esta importação diz tudo quanto é necessario sobre a cultura dos campos da antiga Italia. Ninguem hade gabar a agricultura de Portugal (a tanto não chega certamente o nosso enlevo); mas se nós importando quando era permittida a sua importação, uns trese avos do nosso consumo e por isso julgavamos perdida a nossa agricultura, que havemos então de dizer se em logar destes, importassemos trinta e tres avos, ou quasi o tresdobro desses trese avos, que viriam a redusir de 7.9% a 3.1% (Vid. n.º 15 deste jornal) a nossa actual cultura cereal? A penuria de Roma, a respeito de cereaes, parte esta que é principal na agricultura, fica tão contrastada, nos algarismos que deixo aqui consignados, que não merece que se esteja gastando mais tempo para a demonstrar. Por todos os lados era essa penuria muito saliente na agricultura em Roma. A escravaria, empregada na manipulação do pão, carregada de ferros e o corpo retalhado dos vergões do látego, que parecia toda ella no seu aspecto mais com espectros do outro mundo do que tinha visos de creaturas humanas, era ainda, para á agricultura romana não faltarem todas as pragas, mais outra calamidade que a desolava. A panificação, manipulada por estes infelizes, sahia tão imperfeita, segundo mostra o auctor de que principalmente me estou valendo para estes extractos, que ella não rendia senão o peso da farinha, quando o fabrico desta em pão, deve render mais a quarta parte sobre esse peso, ou 125 por cento. A perda em peso, que o padeiro romano experimentava, não podia deixar de tornar o seu genero caro, e como generos caros tem menor consumo, tambem a producção dos cereaes devia diminuir. O pedido e o offerecido, entre os modernos, assim se regula, e estou em que tambem entre os antigos. O facto que aqui na apparencia derrota o axioma da sciencia, por que a verdade é, que o homem adulto em Roma consumia 40 onças de pão, quando toda a nossa população portugueza não consome provavelmente do que pouco mais da quarta parte dessas 40 onças, provém de que sendo a agricultura romana muito circumscripta na sua producção, a sustentação humana limitava-se principalmente a cereaes, sem quasi conduto algum. É sabido que logo que a agricultura se enriqueceu, todos os povos deixaram de comer tanto pão. (*Ann. Econ. pol.* 1849 *p.* 336.) O seu consumo em França no seculo XVI ainda era egual ao da antiga Roma, mas hoje não é mais da metade desse computo. Na America Ingleza não chega nem á metade dessa metade. Em Inglaterra differem muito as auctoridades sobre esta questão; querendo umas que seja um *quarter*, e outras dois *quarters* ou 41 alqueires o consumo annual de cada individuo, inclinando-se porém os escriptores mais acreditados, á quantidade menor, equivalente a pouco mais ou menos, 20 alqueires.

CLAUDIO ADRIANO DA COSTA.

(Continúa.)

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXX.

A casa da Tia Brizida.

223 Quando, já noite fechada, Theresa, a casta e meiga provinciana, voltou com a sua velha tia Brizida da Graça, onde tinha ido resar vesperas, ao Côrte-Real, onde deixára Francisco d'Albuquerque entregue aos cuidados de Diogo Cutilada, achou a casa do Infante naquella confusão, e desordenado alvoroço, que, dissemos n'um dos precedentes capitulos, produzíra o subito e inesperado desaparecimento do moço capitão.

Quando soube o que succedêra, a desditosa Theresa, com a alma traspassada de dôr, com o coração oppresso pelo pranto, que a intensidade da angustia não deixava correr livre, pallida, convulsa, murmurando apenas sons confusos, que mais pareciam soluços que palavras, deixou-se levar por Luiz de Mendonça, e pela beata Brizida, á casa em que esta vivia a Santo André.

A casa da tia Brizida, de que já hoje não restam vestigios, ficava situada perto do Arco de Santo André, á esquina do beco denominado dos Açougues. Era uma casa de um só andar, pequena, triste, com duas janellas fechadas por apertadas jelosias, em que apenas se abriam adufas, por tal modo estreitas, que mal por ellas podia passar a cabeça da curiosa beata, e uma grossa porta reforçada por duas trancas, e toda chapeada de ferro. Na parede, entre as duas janellas, estava representado em azulejo o milagre de Santo Antonio prégando aos peixes; e defronte desta devota imagem, pendurada a um braço de ferro, havia uma lampada de metal amarello, que a velha Brizida cuidava em ter sempre bem accesa, e espevitada.

O interior da casa correspondia perfeitamente ao exterior. Percebia-se em tudo alli a minuciosa vigilancia, os cuidados assiduos, a devoção excessiva, a rabugenta austeridade da velha beata que, não tendo nada a esperar no mundo,

volta para o céu grande parte dos seus pensamentos, e emprega em ordenar, dirigir, e reger o pequeno imperio da sua casa, o que lhe resta de mundano; que ordinariamente não é pouco.

A sala, segundo a propria expressão da tia Brizida, era mesmo um *palmito*. As seis cadeiras de coiro lavrado que a mobilavam, estavam tão limpas e polidas, que pareciam espelhos: a pregaria que as ornava, luzia como se fosse de oiro puro. As duas commodas de páu santo, com pés em fórma de garra, e enfeitadas de enormes argolões amarellos, (que ornavam as paredes lateraes da sala), causariam hoje pasmo a qualquer amador de antigualhas. Sobre uma dellas estava uma bella dobadoira, toda marchetada de marfim, cingida por uma meada de linhas alvissimas; era esta dobadoira muito estimada pela velha beata, porque tinha certo ranger harmonioso e variado, desde o estalido da segarrega até ao chiar do carro, que a ajudava a pender compassadamente, nas noites de inverno, quando ella, para se distrahir, dobava, resava, e dormia ao mesmo tempo. Sobre a outra commoda estava um Menino-Jesus de cêra, deitado em cama de algodão, sobre a qual brilhavam, como pedras preciosas, estrelinhas de papel pintado. Encostada á parede que ficava fronteira á janella, estava uma papelleira grande, tambem de páu negro, entalhado com arabescos amarellos, e ornado nos cantos de columnas de fuste encanado, com base e capitel dorico, e carrancas de bronze lavradas com perfeição: esta papelleira servia de altar ao Santo mais querido, mais adorado, mais festejado de quantos a beata tinha em casa. Este Santo, a quem todos os dias se resavam naquella devota casa tres responsos e uma ladainha, era um Santo Antonio, bello, gordo, e rubicundo como um frade, que era; com o seu habito negro, o seu cordão dourado á cinta, um livro servindo de pianha a um Menino-Jesus no braço direito, e um rosario de perolas na mão esquerda. Na pianha do Santo Antonio havia flores, aos lados, em jarras de loiça da India, havia flores, por cima da cabeça, em fim, em fórma de docél, crusavam-se tres palmas bentas com seus palmitos de flores. Quatro castiçaes de prata, com côtos de cêra branca, esperavam a hora das rezas diarias, para brilharem em honra do Santo: mas o que nunca se apagava, o que ardia sempre noite e dia, era a torcida de uma lampadasinha de vidro, cautelosamente mettida dentro de um pires de porcelana, para evitar que o diabo, sempre inimigo de gente devota, não fizesse caír della algum morrão sobre a toalha de linho, ornada de rendas, com que a tia Brizida cobria a sua papeleira rica.

A rasão deste amor e estima particular, em que a tia Brizida tinha o seu Santo Antonio, era o ter-lhe sempre confiado todos os seus segredos desde a mais tenra infancia. Quando em pequena queria ir a alguma egreja ouvir cantar os padres em côro, ou a algum convento de freiras comer doces, Brizida resava um responso ao seu Santo: quando, já mulhersinha, sentiu tal ou qual attracção por um mercador seu visinho, foi ainda ao Santo que ella confiou esse segredo: quando mais tarde, vendo que não podia achar marido, deu em beata, todo o fervor da tia Brizida pelo seu Santo Antonio recresceu, e fez-se quasi paixão. Se perdia alguma coisa, accendia as vellas do Santo Antonio, e pedia-lhe que a ajudasse a buscar o que havia perdido: se chovia a horas de missa, rezava ao Santo para que parasse a chuva: se trovejava pegava-se com o seu protector, para que lhe não caissem raios em casa: emfim, se a velha Brizida emprehendia a feitura de algum prato de ovos molles, ou de manjar branco, para mimosear o Sr. Fr. Thomaz do Espirito-Santo, seu confessor, era ainda ao seu bemaventurado Antonio, que ella confiava o bom exito da dificil tarefa. O Santo Antonio da papeleira era o protector, o guarda, o amigo, o dono da casa da tia Brizida. Dizemos o Santo Antonio da papelleira, para distinguir esta imagem de muitas outras do mesmo Santo, que havia em casa da velha beata. Esta imagem tinha feito grandes milagres, em quanto as outras, se alguma coisa faziam, era tão pouco, que nem honras, nem orações particulares mereciam á devota tia de Theresa.

O quarto em que dormia a beata não era menos notavel e digno de admirar-se do que a sala, pelo aceio e bom arranjo com que cada objecto permanecia invariavelmente disposto no logar que, havia mais de vinte annos, lhe marcára a minuciosa vontade de sua dona. O leito de madeira arrendada, tinha no centro da cabeceira dois anjos, sustentando uma concha com agua-benta, e era rematado por uma cruz: cortinas verdes, e uma colcha de ramagem escura, completavam o aspecto severo da cama da velha Brizida. As paredes estavam quasi forradas de alto

a baixo de imagens de Santos, cruzes, medalhas bentas, e relicarios: sobre uma mesa viam-se, simetricamente dispostos, dois ou tres rosarios, um livro de orações, um crucifixo de oiro, etc.

A casa que a tia Brizida destinava para quarto de sua sobrinha, foi a que ella chamava o *seu oratorio:* casa pequena, triste, onde apenas entrava luz por uma fresta, e cujo movel principal era uma especie de altar, sobre o qual estava um enorme presepio, digno de ser tomado por modelo de mau gosto, desproporção, falta de prespectiva, e inverosimilhança.

Representava aquelle presepio uma montanha escabrosa e de aspera penedia, em que espontaneamente nasciam rosas do tamanho de pinheiros, e pinheiros do tamanho de malmequeres. Era esta montanha dividida em tres planos; no primeiro e mais inferior abria-se uma caverna, dentro da qual estava o Menino-Jesus recem-nascido, deitado sobre flores, com Nossa Senhora ao pé de joelhos, e como em oração, e a pouca distancia S. José serrando um tronco de arvore, com a attenção e actividade de um diligente carpinteiro. Á entrada da caverna já vinham chegando os Reis-Magos, com suas corôas na cabeça, e sceptros na mão, seguidos de numerosa comitiva, parte da qual ainda estava descendo a montanha, e saindo de uma especie de castello, que representava a cidade de Jerusalem, e que não era muito maior do que qualquer rei Gaspar ou Belchior. No segundo plano, ía subindo pela serra acima Jesus, coroado de espinhos e com a cruz ás costas, acompanhado do solicito e caridoso Simão Cirineu, seguido e precedido de muitos judeus de tão feia catadura, e por tal modo pintados de vermelhão, que mais pareciam demonios ardendo nas profundas do inferno, do que homens caminhando á luz do sol pelos alicantís do Golgotha. Ao lado da vereda, que seguia o funebre prestito, corria, em abundantes cascatas de vidro azul, o rio Jordão; e além do rio, via-se Christo no horto das oliveiras, ajoelhado, e a receber das mãos de um anjo, meio escondido em nuvens de algodão, o calix da amargura. No mais alto da montanha estava um crucifixo de mais de dois palmos de altura, pallido, macerado, e manchado de sangue; com as tres Marias aos pés, e os dois ladrões aos lados. O aspecto geral deste presepio tinha o quer que era de triste, de aterrador, assim coroado pelas figuras de tres crucificados, que, apezar da extraordinaria imperfeição com que estavam moldados, deixavam vêr em toda a sua crueza e horror, como as producções singelas da meia-edade, os padecimentos de uma atroz agonia.

Pendurado da parede, por cima do presepio, estava um quadro, representando S. Francisco em extasi; copia imperfeita de um desses quadros de Zurbaran, em que os rigores e severa austeridade do ascetismo se acham expressos em toda a sua piedosa grandeza. A cabeça do santo livida e descarnada, quando ao cair da tarde lhe dava de lado o tenue clarão, que entrava a custo no quarto, pela estreita fresta, parecia desprender-se do quadro e agitar-se como movida pelos ardores de fervorosa oração: á luz oscilante da lampadasinha, que a tia Brizida accendia á noite no *oratorio*, aquella terrivel cabeça tornava-se mais livida, e o resto do quadro mais tenebroso; então parecia que os beiços se lhe agitavam em convulsão, e dos olhos lhe marejavam lagrimas.

Foi para esta casa silenciosa e sombria, foi para este funebre quarto, onde tudo infundia tristeza, e causava pavôr, que levaram, quebrada pela dôr, consumida pela saudade, ralada pela desesperação a infeliz Thereza. Sensivel, meiga, naturalmente melancholica, a alma da desditosa noiva de Francisco d'Albuquerque, já profundamente lacerada por tantas e tão grandes catastrophes, não podia deixar de ser dolorosamente impressionada pela severidade monacal, o devoto ascetismo, a immobilidade, o silencio da caza da velha beata.

Nada alli a distraía das suas magoas, coisa alguma lhe suavisava a inconsolavel saudade, que ella sentia por aquelle, a quem já não queria como a amante, mas por quem tinha um sentimento mais casto, mais sublime talvez, mais duradouro e desinteressado de certo do que o amor; a amizade. A amizade da mulher para o homem; que é muito mais do que a amizade de irmãos, que eguala quasi o amor maternal, que tem em fim o ardor, a dedicação, a devoção do amor, mas sem que o ciume a possa perturbar nunca.

O dia em caza da tia Brizida começava pela ladainha e acabava pelo terço: á ladainha seguiam-se duas ou tres missas ouvidas na Graça, ou no Salvador, depois a confissão, de tarde alguma novena, ou a visita dos *lausperennes:* aos serões, a beata dobava na sua melodiosa dobadoira; Josefa, a creada velha, fiava n'uma roca de cana, deixando de minuto a minuto cair

o fuso das mãos; e Thereza, a desgraçada Thereza, contendo no fundo do coração o murmurar continuo de suas amargas penas, era obrigada a lêr uma ou duas horas os sermões do Padre Vieira, ou a vida de algum santo.

A unica pessoa que a tia Brizida recebia em caza era o seu confessor, o Sr. Fr. Thomaz do Espirito Santo. Este frade graciano, homem dos seus quarenta annos, era digno de occupar o primeiro logar entre as coisas feias, que se encontravam em caza da devota beata. Amarello como uma cidra, Fr. Thomaz tinha um rosto longo, perfeitamente desproporcionado e feio: a testa, que não tinha mais de dedo de altura, era assombrada por cabellos negros, crespos, grossos, similhantes a lã de carneiro: os olhos eram como os da toupeira, pequenos e sem brilho; vistos atravez dos enormes oculos, que dois fios de seda prendiam atraz das orelhas do graciano, apenas se figuravam como dois pontos negros: o nariz era longo, grosso, e como quebrado proximo á ponta: a bocca não contrastava, antes se harmonisava em tudo com o resto da physionomia; era larga, ornada de duas ordens de dentes amarellos, e, nas pouquissimas vezes que Fr. Thomaz fallava ou ria, curvava-se do modo mais disgracioso e desconsolado que imaginar se póde. Havia com tudo na feia cara do frade, uma expressão de bondade, e de singeleza, ou para melhor dizer de absoluta nullidade, que modificava até certo ponto a desagradavel impressão que o seu aspecto causava a quem n'o via pela primeira vez.

Fr. Thomaz do Espirito Santo rarissimas vezes fallava, como dissemos; e quando o fazia difficilmente passava além do monosylabo. No começo da sua vida monacal, o bom do frade, quando se via na precisão de travar conversa com algum dos seus companheiros de convento, buscava animal-o a fallar sempre, para se não vêr na triste necessidade de pronunciar uma phrase: para isso, cada vez que via o outro frade terminar um periodo da conversação, fazia-lhe uma careta, que similhava um sorriso, e dizia-lhe um «sim» animador, balanceando a cabeça. Mais tarde, quando se apercebeu de que este monosylabo era longo de mais, modificou-o sensivelmente e reduziu-o a um som sibilante, que representava apenas a primeira lettra do detestado monosylabo.

Era tambem este som inarticulado, e as palavras rituaes da absolvição, que Fr. Thomaz unicamente fazia ouvir ás suas confessadas; e por isso tinha muitas, principalmente beatas, que mais desejam fallar de si, e dos seus direitos ao céu, do que ouvir conselhos ou escutar preceitos.

Thereza não tinha, pois, a quem confiar os melancholicos pensamentos, que a dôr lhe suggeria, quando na solidão do seu triste quarto, ficava a sós com os amargôres da saudade, ou com o abatimento da desesperança. Alli, em caza da velha beata, Thereza só tinha por companheiros, ou o ascetismo da oração, ou a funebre tristeza do silencio.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

MADAME STOLTZ.

224 A parte da vida que se não passa no sanctuario da arte — e que se não consome nos mysterios do coração, não merece, não val uma unica lembrança. Só a arte e o coração devem deixar memorias na existencia. É mister viver porque todos vivem, mas para não morrer de enfado, convem esquecer, mal que se vae percorrendo, essa vida que se não vive para a admiração do genio ou para a felicidade recatada da alma. Gosto de ver descuidado como os dias se convertem rapidamente em annos, e deixo vagar livre o pensamento, poisando sómente na memoria alguma recordação dispersa em dia, que o coração viveu, ou que a arte o dominou com o eterno poder do seu condão.

E são tão poucos e tão breves esses dias, que se não pódem vêr fugir sem os prender pelo menos em uma pagina, que sobreviva á mão que se póde finar mal que lhe traça a ultima linha.

Agora que toda a cidade falla de Madame Stoltz, dessa intelligencia superior, que assombra pelo talento, que enternece pela vocação que a fadou para dar fórma ao sentimento da arte, agora que todos sabem — que Lisboa possue uma das maiores celebridades artisticas da nossa era, e que o seu nome é saudado com geral admiração e proferido com a expressão do dezejo de a ouvir, não tractarei de escrever as linhas regulares e pensadas de um artigo de — theatro — nem farei a chronica do triumpho unico e sem memoria no nosso theatro, que a illustre cantora obteve na sua estrêa em Portugal. Só escreverei o que me recorda o dia em que, pela primeira vez, a ouvi, e as impressões que a sua apparição no theatro me deixaram na mente, como continuação do que nesse dia senti quando me foi revelado o que é a — arte — em uma das suas mais bellas manifestações.

Ouvi Madame Stoltz antes de a vêr. — Desapercebida de que a ouviam, ou em um desses sonhos acordados, em que o talento parece querer fugir para uma região superior, soltaram-se-lhe da garganta, vindas da alma, não sei que notas dispersas daquella solemne entrada de Arsace,

Eccomi alfine in Babilonia — É questo
Di Belo il tempio — Qual silenzio augusto. . . .

Entrando na salla, em que era esperada, por um movimento de surpreza deu a conhecer que era passado um dos instantes da sua encantada vida de artista. Comprehendeu que tinha sido ouvida. Todos queriamos corresponder á extrema e delicada affabilidade com que Madame Stoltz acolhe os que se lhe aproximam, e todos tinham a voz preza pela commoção, e a ninguem lembrou uma phrase, ao menos, para trocar pelo gesto gracioso que parecia retribuir a admiração que nos dominava, ou pelo sorriso imperceptivel que era como um raio perdido da luz desses olhos genuinamente arabes, que em um só instante recebem da alma a força de poder cambiar os mais apaixonados e differentes affectos.

Madame Stoltz é uma figura artistica e elegante: o seu rosto volta-se mais para o céu do que para a terra: a inspiração e a dôr são os traços fundamentaes dessa physionomia tão rica de expressões diversas como a mais variada palheta da Italia. Ao pé de ondeados cabellos negros, sobresae a pallidez interessante e bella do rosto, que serve de espelhar o coração que soffre pela arte, e o pensamento que se engrandece pela inspiração. Tem presos aos labios a graça e o mimo do seu canto facil, mavioso e encantador, e nos olhos tem essa luz divina do genio, que só Deus cria e que só Deus apaga.

Hoje que Madame Stoltz causa um delirio em toda a cidade — que por toda a parte se falla das commoções novas e nunca vistas entre nós, produzidas por duas representações da *Semiramis*, com o theatro cheio de espectadores, é permittido o descrever, desassombrado, tudo quanto aquelle genio raro póde sobre a alma. Para quem a ouviu, o que se disser parecerá sempre frouxa sombra do que se póde sentir assistindo ao desempenho do papel de Arsace.

Ao cabo de uma conversação larga e variada, todos os que a tinhamos ouvido, ou surprehendido no seu canto espontaneo, nos achámos callados e admirados ao ouvir fallar Madame Stoltz a proposito de Rossini, do primeiro poeta da harmonia.

Estava sentada em uma poltrona, com a cabeça um tanto pendida sobre o peito, e com os braços quasi abandonados sobre os encostos: a penumbra de uma luz forte, mas coada pelas duvidosas sombras de um transparente, dava á sua figura um aspecto vago e meditativo. O nome de Rossini saíu-lhe dos labios como uma saudade; — fallou na Italia como de uma recordação proxima do seu estudo para passar do canto em francez para o canto italiano. Disse como o velho e gracioso Rossini paternalmente a tractava, premiando o seu estudo cantando-lhe a celebre e inimitavel aria do *Barbeiro*. Pouco a pouco foi erguendo o rosto, e movendo os braços, e dentro em breves instantes parecia que estavamos ouvindo ler uma das mais formosas paginas de Lamartine, perfumadas pela poesia do Oriente, e resplandecentes de candura e de inspiração.

Era Madame Stoltz que fallava de Rossini — que descrevia o que era, aos olhos da arte, essa primorosa *partitura*, que no conceito acertadissimo da illustre cantora é só pela musica, sem palavras mesmo, uma tragedia completa e sublime, devida ao estro elevado e sentido do grande Rossini. Para Madame Stoltz, a musica do auctor da *Semiramis*, — são lagrimas que se transformam em flôres, ou se desfazem em perolas, são harmonias tristes como a noite, ou radiosas como os diamantes.

E para nós o seu canto, o seu gesto, são a mais verdadeira, a mais pura expressão dessa musica — são a sua unica significação possivel.

Quando acabou de fallar, ficou meditando, e como que a continuar só para si, o que tanto nos havia maravilhado. Ninguem quiz interromper a grande artista naquelles instantes de saudosa recordação, e de sublime poesia. No entanto algumas das pessoas presentes foram obrigadas a retirar-se, porque varios deveres os chamavam fóra daquelle logar. — Foi então que tivemos a maior surpreza: a grande artista passou para uma sala proxima: eramos duas as pessoas que a acompanhavamos; vendo um pianno, respirou, como se encontrasse a realisação de uma esperança muito desejada.

Soltou livremente a voz. Depois como da tela de um quadro, Urbino sabia ir fasendo surgir santos, anjos, a Virgem, e coroando tudo a Gloria que deixava antever o infinito, assim da harmonia que soltava da alma Madame Stoltz, fazia cahir sobre o coração as lagrimas, a esperança e mil flores frescas e lindas illuminado tudo por essa aureola do genio que lhe parecia cingir a fronte com uma brilhante coroa de tantas joias de harmonia, que lhe sahia dos labios, como de um thesouro de infinito valor. A emoção que então senti, é hoje conhecida pelo publico, é a que tem feito palpitar, apressado, os corações de muitos centenares de espectadores, é a que fez misturar os soluços com os bravos, e as lagrimas com a alegria, é a que leva aos pés de uma artista a sciencia do sabio, a delicada sensiblidade das senhoras, e a espantosa admiração de todas as classes e edades.

A *Semiramis* tinha-me sido revelada, naquelle dia que nunca me esquecerá: mas o que eu tinha imaginado — a figura de que vira o esboço, era ainda assim, apenas uma sombra do poetico Arsace, que ovações novas e sem precedente estão saudando em S. Carlos. Chegando a este ponto não sei escrever — admiro, medito e lembro-me das representações da *Semiramis* como de um prodigio que se comprehende, mas que se não decreve.

Tres nomes faziam respeitavel esta opera. *Semiramis*, symbolo de uma era fabulosa e gigantesca, Rossini, expressão do sentimento da arte, da idéa divina e fundamental do bello, e Stoltz, que em uma era nova para a sua carreira artistica, vinha continuar um nome grande e admirado por 7 annos em Paris, essa patria e centro da civilisação moderna. Arsace representado por Madame Soltz, reune em um só ente, nos mysterios de uma só alma, todas as expressões da arte. — A poesia e o canto lhe sahem do peito em harmonias, que parecem já vir completas sem que a vocalisação as forme: — as posições parecem mais obra do cinzel correcto da Grecia, do que do estudo da scena; — o gesto é sempre tão verdadeiro e proprio como só o souberam reproduzir os maiores pintores do mundo. Vede-a em toda a opera manifestando o pensamento fundamental da tragedia de Voltaire, quando escreveu:

. . . . . Il est donc des forfaits
Que le courroux des dieux ne pardonne jamais!
. . . . . Apprenez tous du moins
Que les crimes secrets ont des dieux pour témoins.

Estes versos, ainda quando fossem inspirados ao grande poeta pela propria cantora, mal dariam idéa da missão que Arsace, ou, para melhor dizer, da missão que Madame Stoltz soube cumprir na *Semiramis*.

Os que Deus fadou com o dom do talento vão a S. Carlos, vejam a entrada de Arsace, grave como a predestinação que o parece conduzir a Babylonia, para fazer chegar o ultimo dia da criminosa *Semiramis*; ouçam como os cantos, que são as recordações da guerra, se fundem nos ternos e apaixonados transportes do amor, para depois se mudarem na arrogante expressão de um nobre caracter que ás ameaças responde: —

Só che l'adoro, e basta;

assistam ao juramento, em que Madame Stoltz é mais artistica do que nenhum dos Horacios de David; ouçam Arsace no sanctuario, quando cinge a corôa e cahe assombrado nos braços do sacerdote, que lhe revela o nome de sua mãe, em o nome de um dos assassinos de seu pae; — escutem-lhe as vozes d'alma com que empunha a espada para exclamar: —

Si: vendicate
Il genitore. . . .

concentrem todas as faculdades na mais attenta observação para assistirem ao grande, ao magnifico duetto em que Arsace, encostando ao peito a desfallecida cabeça de sua mãe, só com um gesto de amor de filho, arranca lagrimas a todos os olhos e applausos a todas as mãos; sintam a alma involta em funebre dó, quando antes deste momento supremo, Madame Stoltz, ao cantar,

. . . . . Misera!
Ah tu mi strappi l'anima:
Ti calma per pietá,

une suas lagrimas ás que Rossini deixou para sempre eternas na harmonia que reveste este tristissimo pensamento, e faz com que cada uma das lagrimas, que resvalam sobre as notas, seja mais poetica do que a nobilitada pela penna de Victor Hugo; — vejam, julguem, todos esses prodigios, e depois escrevam, porque eu não posso, não sei senão dizer, que sinto, e que admiro.

THEATRO DE S. CARLOS.

A Semiramis — A Sr.ª Stoltz — A Sr.ª Novello — O Sr. Portehaut e os pateantes.

225 A obra prima de Rossini, a magistral e admiravel opera *Semiramis*, subiu de novo á scena no theatro de S. Carlos. *Semiramis* é uma dessas composições, em que Rossini unindo a grande e magica fecundidade da sua sublime inspiração, o profundo conhecimento da sciencia da harmonia, deu á arte italiana um novo caracter, elevou-a por caminhos até então desconhecidos, á perfeição em que hoje a admiramos, mostrou a todos os que no mundo cultivavam a musica, os recursos que em si possuia esta arte fascinadora, e concedeu aos artistas, novos e poderosos meios de commoverem e captivarem o coração humano, que até então quasi lhe tinham estado vedados. Rossini ás difficuldades de melodias, que só por artistas de elevado merito podem ser superadas, acrescentou, o que val mais na arte do que a difficuldade, o sentimento, a expressão das mais vivas e encontradas paixões. É desta transformação da musica, concebida e executada por Rossini, e que os mestres mais antigos haviam preparado apenas, que nasceu a arte moderna, com a immensa variedade de estylos, riqueza, esplendôr que a caracterisam. — Não é pois da *Semiramis* que temos a fallar, essa é uma composição conhecida, apreciada por todos; aquillo de que nós desejáramos, mas de que temos por impossivel dar idéa aos leitores, é do modo porque a *Semiramis* é executada, pelos as Sr.as Stoltz e Novello.

Os prestigios da arte, os encantos arrebatadores da voz humana em suas puras e suaves modulações, a representação ideal das paixões mais nobres e elevadas, a inspiração que, como electricamente, se communica da artista ao espectador, de tudo a Sr.ª Stoltz soube fazer uso para nos arrebatar o espirito, e leval-o ás sublimes regiões da poesia e do sentimento. O homem, cuja alma não é dotada da nobre faculdade de comprehender pela sua propria força a arte, se ouvir cantar a Sr.ª Stoltz terá logo a percepção do que a inspiração tem de mais elevado, a poesia de mais perfeito. Aquelle que tiver uma alma de artista, a voz da Sr.ª Stoltz fará uma impressão, que para sempre lhe ficará na memoria, como uma das mais doces recordações da sua vida. Nós, sinceramente o dizemos, bem poucas vezes temos sentido impressões mais profundas do que a que nos causou a primeira aria da Semiramis, quando lh'a ouvimos: pareceu-nos que se nos abria um mundo novo de poetica harmonia; sentimos o coração commover-se-nos, o espirito exaltar-se-nos, como quando ouvimos o admiravel Liszt.

A voz da Sr.ª Stoltz é tão perfeita, tão suave, tem tal flexibilidade, um timbre tão puro, que, se o seu canto não exprimisse affectos, não vibrasse pelo pranto ou pela alegria, não fizesse sentir a quem a ouve, o amor, o odio, as amarguras da saudade ou a exaltação da gloria, poder-se-hia comparar a um instrumento só composto de cristal e de perolas.

As difficuldades do canto são pela Sr.ª Stoltz, vencidas com tal facilidade, é tal a perfeição com que corre as mais rapidas volatas, com que entretece as melodias de Rossini de cadencias e fiorituras, com que reforça um trinado para depois o deixar morrer n'um pianissimo, que mais se adivinha do que se ouve, e com que liga suavemente umas ás outras as notas nos adagios, que quem a escuta, embevecido de mais pela expressão com que pronuncía cada phrase musica, deixa passar quasi sem os perceber muitos dos mais bellos daquelles prodigios de arte, e de inspiração. A Sr.ª Stoltz faz mais do que cantar; póde dizer-se sem exageração alguma, que ha uma admiravel eloquencia nos sons que ella desprende dos labios.

Não é só o merito de cantora, que avulta nesta distincta artista; como actriz a Sr.ª Stoltz tem tambem um grandissimo merito. A sua mimica é perfeita; e a maior parte das suas posições em scena, são evidentemente estudadas nos bons modelos de esculptura. A posição de Antinoo, no fim do adagio da primeira aria, a de um dos Gladiadores na aria do segundo acto, e, sobre tudo, a de Cupido no conhecido grupo de *Cupido e Psyche*, no dueto com a Sr.ª Novello, todas estas poeticas posições são perfeitamente copiadas pela Sr.ª Stoltz.

A Sr.ª Novello na Semiramis canta com grande perfeitação e gosto: a sua voz em extremo sympatica, dá grande relevo a tudo que canta esta artista, cujo merito notavel o publico aprecia devidamente. A musica que na Semiramis canta a Sr.ª Novello, e, sobre tudo, o alegro da aria do 1.º acto, é de grande difficuldade; e com tudo a Sr.ª Novello sabe, com a sua flexibilidade de voz, vencel-as sem esforço, dá sobre tudo no alegro, a que nos referimos, duas notas agudas, que a Sr.ª Novello ataca com uma bravura, precisão, puresa, que bem mostram que esta *dama* conhece todos os recursos da sua arte, e tem feito della um estudo assiduo e proficuo.

No duetto que canta com a Sr.ª Stoltz, a Sr.ª Novello faz prodigios de arte, de expressão, e de bom estilo de cantar. Este duetto, cantado como o cantam estas duas artistas, val por si só uma opera: estamos que em theatro algum, elle foi nunca melhor cantado. O adagio é uma maravilha de sentimento, e executado com incrivel perfeição.

Melhor do que a Sr.ª Stoltz é impossivel cantar; tão bem como a Sr.ª Novello será difficil encontrar artistas que executem a *Semiramis*.

Resta-nos, para fazer um acto de justiça, fallar no modo porque o Sr. Portehaut entra na *Semiramis*. O Sr. Portehaut não é um *baritono* de primeira ordem: mas no theatro de S. Carlos, depois de Colleti e Varesi, ainda não veio nenhum que cantasse melhor do que elle. Na *Semiramis* canta o Sr. Portehaut com muita arte e bastante delicadesa, sobre tudo na aria e no duetto do segundo acto. É pois uma injustiça inqualificavel, a desses *diletanti* ignorantes e de máu gosto que o patearam.

É sobre tudo uma grosseria impropria de homens que frequentam os theatros e a boa sociedade patear um artista, ainda que fosse muito inferior ao Sr. Portehaut, estando em scena duas *damas* como as Sr.ªs Novello e Stoltz. Para dar valor, e saber apreciar coisas d'arte, não basta calçar uma luva branca e ír a um theatro; é preciso ter ou uma intelligencia cultivada, ou um coração capaz de sentir. O povo é bom juiz em coisas d'arte, porque tem coração impressionavel; os homens bem educados são bons juizes, porque tem coração impressionavel e razão esclarecida; mas esses a quem o uso vicioso de tal ou qual fortuna estragou o coração, e uma vida desperdiçada nos caffés e nas touradas, deixou sem cultura a intelligencia, e embotou o gosto: esses não podem julgar da arte, porque a não entendem, nem sentem o que nella ha de bello.

Não fallemos, porém, mais nesses homens, porque não val a pena. A grande maioria do publico faz-lhes justiça; e elles poseram-se a si proprios no logar, que lhes pertence, indo, como foram, ao theatro de D. Maria II, perseguir, por espirito de mesquinha parcialidade, o Sr. Portehaut, quando ha poucos dias foi cantar áquelle theatro em obsequio de uma dançarina que alli fez um beneficio.

C.

NOTICIAS E COMMERCIO.

PROJECTO DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Lê-se no *Patriota*: —

226 « Hontem 7 teve logar na casa da Associação Mercantil uma reunião de varias das pessoas convidadas para tratarem da formação d'uma companhia transatlantica.

A reunião declarou-se installada, e nomeou uma mesa provisoria composta do Sr. Duque de Saldanha, presidente, e Sebastião José Ribeiro de Sá, secretario.

« Decidiu-se que houvesse outra sessão no mesmo local, sabbado 11 do corrente, ao meio dia; entendendo-se como convidadas para a dita sessão as pessoas que já o tinham sido para hontem. E resolveu-se que fossem convidadas mais outras pessoas, por cartas que hão de ser assignadas, como as primeiras, pelos Srs. Duque de Saldanha e Ayres de Sá Nogueira.

« Os jornaes cujos redactores se achavam presentes, foram encarregados de fazer esta publicação, e de pedirem aos outros que tenham a bondade de fazel-a com a maior brevidade possivel. »

ALMANAK

DA

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE

PARA 1851.

VENDE-SE no Escriptorio da REVISTA UNIVERSAL, rua dos Fanqueiros n.º 82, e nas lojas do costume. — Preço para os assignantes da REVISTA 80 réis. — Avulso 120 réis.